



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA  
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015  
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



**MARCIA DO SOCORRO SILVA SANTOS**

**MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR:  
FORMAÇÃO DE UMA PEDAGOGA EM JI-PARANÁ, RONDÔNIA**

Ji-Paraná/RO  
2017.

**MARCIA DO SOCORRO SILVA SANTOS**

**MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR:  
FORMAÇÃO DE UMA PEDAGOGA EM JI-PARANÁ, RONDÔNIA**

Memorial apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade a distância, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus Porto Velho, em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB), como pré-requisito para a conclusão do Curso, sob a orientação do Prof. Dr. Rafael Fonseca de Castro.

Ji-Paraná/RO  
2017.

**Minha trajetória escolar:**  
**Formação de uma pedagoga em Ji-Paraná, Rondônia**

**MARCIA DO SOCORRO SILVA SANTOS**

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação.

---

Profa. Dra. Márcia Machado de Lima  
Chefe do Departamento de Ciências da Educação

Professores que compuseram a banca:

---

Presidente: Prof. Dr. Rafael Fonseca de Castro

---

Membro: Prof.<sup>a</sup> Me. Maria Neucilda Ribeiro

---

Membro: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marijane Silveira da Silva

Ji-Paraná/RO  
2017.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por ele ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Agradeço aos meus filhos, Wesley e Anne Karollyne, pelo amor e apoio.

Agradeço às minhas colegas e amigas do curso. Muitas se tornaram amigas, tanto na vida universitária como na vida particular.

Agradeço às tutoras, pela dedicação e paciência.

## **EPIGRAFE**

*“Ensinar não é tão somente uma questão de conhecimentos, mas também de modo de raciocinar. Aprender não é tão-somente acumular conteúdos de conhecimentos, mas também modos de raciocinar com eles até aprendê-los, interiorizá-los e integrá-los à estrutura mental de quem aprende” (ALVAREZ, 2002, p. 39).*

# SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>APRESENTAÇÃO.....</b>                     | <b>4</b>  |
| <b>1. COMO TUDO COMEÇOU.....</b>             | <b>5</b>  |
| <b>2. FORMAÇÃO EDUCACIONAL.....</b>          | <b>8</b>  |
| <b>2.1 ENSINO FUNDAMENTAL .....</b>          | <b>8</b>  |
| <b>2.2 ENSINO MÉDIO.....</b>                 | <b>9</b>  |
| <b>3. CURSO DE PEDAGOGIA.....</b>            | <b>12</b> |
| <b>3.1 ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....</b> | <b>18</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>             | <b>20</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>                           |           |

## **APRESENTAÇÃO**

Este memorial tem por objetivo delinear os fatos mais importantes do meu processo de formação docente. Tentei relatar de forma clara e objetiva como fui alfabetizada dentro de uma metodologia tradicional de ensino, destacando suas principais características e traçando um paralelo com a metodologia atual.

Dessa forma, pude analisar a evolução no processo educativo e verificar as mudanças que ocorreram na prática pedagógica e metodológica do ensino da leitura e da escrita nas diferentes maneiras de aprender e ensinar, bem como constatar a importância da formação do profissional de educação.

Descrever as experiências e conhecimentos adquiridos no decorrer do curso de Pedagogia, assim como as dificuldades e desafios encontrados. Curso que me proporcionou reflexão, valorização e aperfeiçoamento, tanto como cidadã, quanto como futura pedagoga.

O memorial nos permite uma análise crítica e reflexiva diante de uma perspectiva social e educativa.

## 1. COMO TUDO COMEÇOU

Escrever esse memorial de uma formação é um desafio gratificante, pois caminhei em busca do meu passado adormecido.

Nasci em Belém do Pará, filha de pais analfabetos, sou a última filha de cinco irmãos. Comecei a ser alfabetizada aos cinco anos de idade na escola pública. Tinha muito medo de não aprender, pois não sabia ler e nem escrever. Meu irmão mais velho reprovou e ficou em minha sala como repetente. Chorava porque não sabia responder às provas e pedia para que me ajudasse, mas ele não podia.

Após superar o medo no primeiro ano de alfabetização, passei em todas as demais séries do antigo Primeiro Grau sem muita dificuldade. Recordo-me das aulas de Matemática, que era usada a palmatória, um castigo físico para os alunos que não respondiam corretamente a tabuada. Era muito triste e, ao mesmo tempo, divertido. Lembro que ficávamos rindo daqueles que erravam.

Ao ingressar no Segundo Grau, atualmente Ensino Médio, escolhi estudar Ciências Biológicas, pois gostava muito da área de saúde. No primeiro ano, fui reprovada. Fiquei com muito medo de falar para minha mãe na época. Como repetente, tirava notas boas. Havia um professor que lecionava Matemática sempre vestido com um terno listrado. Aparentava estar com uns 60 anos de idade, era muito inteligente e possuía um fusca. Em suas aulas, usava uma antena apontando para o quadro e todos o respeitavam.

Neste período, não havia ninguém para me ajudar. Creio que não tinha aula de reforço na escola, apenas pago. Novamente, fiquei em recuperação em Química, precisando de 0,05 (cinco décimos) de ponto para atingir a nota mínima, mas consegui ser aprovada para o ano seguinte.

Ao concluir o Segundo Grau, pensava em fazer o curso técnico de enfermagem. Em certa ocasião, uma vizinha falou para que eu fizesse a faculdade. No entanto, fazer faculdade em tempo integral para mim seria inviável, pois ajudava minha mãe com as despesas da casa, ou seja, ou eu trabalhava ou a fazia faculdade. Depois, com o tempo, fiz vestibular na Universidade Federal do Pará (UFPA) para o curso de Psicologia. Infelizmente, não fui aprovada logo na primeira fase. Em seguida, fiquei grávida e parei de pensar em cursar uma faculdade.



Passaram-se oito anos vim morar em Ji-Paraná, Rondônia, grávida de minha segunda filha e falei que, quando os filhos estivessem maiores, tentaria o vestibular novamente.

Sempre atuei em áreas administrativas e financeiras. Quando decidi voltar a me dedicar aos estudos, coincidentemente, no mesmo ano, houve a abertura do processo seletivo para o curso de Pedagogia da Universidade Aberta do Brasil (UAB), ofertada pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Não imaginava cursar Pedagogia, mas o que interessava naquele momento era estudar, pois gosto muito de ler. Ao conferir os resultados da seletiva, vi que meu nome não estava entre os 50 selecionados que ingressariam no curso. Porém, houve a segunda chamada e pedi tanto a Deus uma oportunidade que, por fim, fiquei entre os dez candidatos que foram chamados para completar o quantitativo da turma. Assim aconteceu a Pedagogia em minha vida. De certa forma, não acreditava que iria cursar Pedagogia em uma universidade federal, assim como a minha família. Em 2011, minha irmã mais velha, Edna Moscoso, relatou:

*Alguns anos atrás, minha irmã falou que um dia ela iria fazer faculdade de Pedagogia, aí eu pensei que isto é um sonho dela, que nunca irá ser realizado, pois só tinha faculdade particular e a UNIR era muito difícil passar no vestibular, aí veio a UAB com a universidade à distância. Ela fez a prova e agora ela será uma pedagoga, pois ela não deixou o sonho dela ficar só na memória, foi atrás e conseguiu.*

Ao ingressar no universo da Educação, descobri o quanto a Pedagogia é ampla e que o campo de atuação do pedagogo é maior do que eu poderia imaginar. Isso me motivou a permanecer no curso e despertou o interesse pela Pedagogia. Percebi que a Educação carece de profissionais comprometidos.

No decorrer do curso, considerando que a prática do estágio é imprescindível para a formação do profissional em Educação, pois permite a vivência no cotidiano escolar e conhecer de perto todo o processo educativo, pude acompanhar de perto o âmbito educacional e as dificuldades dos alunos. Além disso, observei que, nos trabalhos com interpretação de texto, os alunos podem interpretar segundo o seu entendimento, possibilitando uma reflexão acerca do assunto em questão, estimulando-os a pensar e a construir as respostas a partir de suas percepções.

No meu estágio, pude observar, no quarto ano do Ensino Fundamental, que muitos dos alunos não sabiam ler nem escrever, assim como, também, que a metodologia usada atualmente é diferente da de quando eu estudei e ainda há alunos com dificuldades. Nesta

perspectiva, acredito que a escola deve adotar uma concepção oferecendo ao professor a liberdade na prática pedagógica.

## **2. FORMAÇÃO EDUCACIONAL**

### **2.1. Ensino Fundamental**

Comecei a ser alfabetizada aos sete anos de idade, já cursando a primeira série do antigo Primeiro Grau. Quando entrei, não sabia ler e nem escrever, pois não cursei o pré-escolar. Recordo-me muito pouco da primeira a quarta séries.

Já na quinta série, chamado ginásio, lembro que tínhamos dentistas e eles aplicavam flúor uma vez na semana na escola. A merenda escolar era muito diferente da de hoje, lanchávamos leite com bolacha de sal e queijo branco. Eu não comia, pois não gostava. Na época, as aulas de Educação Física eram mais exigentes que as de hoje: quem faltava muito era reprovado por falta ou ficava em recuperação.

Um fato engraçado registrado em minhas memórias foi na sétima série, onde várias alunas possuíam o mesmo nome: Márcia. Quando a professora, na hora da chamada, dizia apenas o primeiro nome, todas respondiam “presente” ao mesmo tempo. Com o tempo, os professores chamavam o nome completo de cada uma.

Recordo-me da tabuada também nesta fase. Gostava muito. Chamava-se de “sabatina” quando os professores perguntavam a tabuada de multiplicação aos alunos. Ressaltando que ainda existia a palmatória. Não me recordo em que série era.

Na época, ocorria a eleição de líderes de sala, nas quais os candidatos faziam propaganda para se elegerem de sala em sala. O líder dava recados quando havia reuniões de professores e diretores da escola como, também, ajudavam os professores dentro da sala de aula.

Outro fato a ser mencionado é que, quando a turma fazia muita bagunça e os alunos iam suspensos, não podiam entrar na escola até que os pais fossem conversar com a Direção. Uma vez, foram todos suspensos em minha sala. Minha mãe trabalhava durante todo o dia e teve que ir lá assinar para que eu pudesse voltar às aulas e pegar o boletim escolar com os registros de minhas notas. Contudo, não levei bronca. Desconfio que nem falaram sobre o ocorrido, porque fiquei com medo de minha mãe – que disciplinava quando fazia algo errado.

Era costume cantarmos o Hino Nacional Brasileiro e o do estado do Pará todos os dias ao chegarmos à escola, antes de entrarmos na sala de aula. Cursei todo o Ensino Fundamental em escola pública estadual.

## **2.2. Ensino Médio**

O tão esperado Ensino Médio. “Pessoas mais velhas”, era como eu pensava. O Colégio Paes de Carvalho foi onde cursei todo o Ensino Médio, antes denominado Segundo Grau. A escola ficava no centro da cidade. O uniforme devia estar impecável, composto por saia preta com pregas, blusa branca com um bolso escrito o nome da escola, meias brancas e sapatilhas pretas. Estudava no período matutino o primeiro e segundo ano, até completar 18 anos de idade.

O primeiro ano foi muito difícil e fui reprovada por não atingir a nota mínima exigida. Para mim, todas as matérias eram muito difíceis. Porém, não desisti, consegui ser aprovada para a série seguinte. Os livros tinham que ser comprados. Eram muitos livros e caros. Por isso, eu conseguia comprar alguns e outros transcrevia os conteúdos e atividades para o caderno.

Eu gostava muito das aulas de Educação Física, onde jogava vôlei, porém, o que mais gostava, era jogar handebol. Às vezes, a professora de Educação Física nos deixava livres em suas aulas e jogávamos queimada. Era muito divertido.

No segundo ano, não me lembro de muitos detalhes. Mas diferenciavam as matérias. Eu cursava, como mencionado anteriormente, Ciências Biológicas. Levávamos sapos para as aulas práticas, para abrir e tirar o coração deles, como, por exemplo, e aplicar injeção. Uma vez, fui aplicar uma injeção em uma colega de sala e, como ela bateu a mão, ficou muito inchado e com a coloração roxa. Quase morri de medo, pensando que ela morreria. Fiz aulas práticas de primeiros socorros também neste período.

Em meu terceiro ano, já estava com 18 anos de idade, comecei a trabalhar. Fui transferida para o período noturno para que, ao sair do trabalho, seguisse diretamente para a escola. O trajeto era perto, no entanto, ficava muito cansada. Foi difícil. Meu rendimento de aprendizagem diminuiu e, conseqüentemente, as notas também ficaram baixas. Um dos professores, de Redação, chegou a me perguntar se eu fazia parte daquela turma.

No Ensino Médio, tínhamos que decorar toda a matéria para realizar as provas. Alguns professores passavam questionários que deveríamos responder e decorar para a prova. O detalhe mais interessante é que as respostas deveriam ser iguais às do livro trabalhado em sala pelo professor, ou seja, era só ler e transcrever fielmente. Desta forma, quem tinha uma boa memória, saía bem nas provas e quem não tinha ficava para a recuperação. Restringia-se à transmissão de conteúdos pelo professor, conforme ressalta Martins (2002, p. 40):

Na teoria da Escola Tradicional, a ênfase recai na transmissão do conhecimento, que deve ser rigorosamente lógica, sistematizada e ordenada, daí o método do uso expositivo, que tem como centro a figura do professor. Na teoria da Escola Nova, há uma valorização da experiência vivenciada pelo aluno, levando em conta as diferenças individuais. [...] É preciso associar o movimento do ensino do pensar ao processo da reflexão dialética de cunho crítico. Pensar é mais do que explicar e, para isso, as instituições precisam formar sujeitos pensantes, capazes de um pensar epistêmico, ou seja, sujeito que desenvolve capacidades básicas em instrumentação conceitual que lhes permitam, mais do que saber coisas, mais do que receber uma informação. Colocar-se em frente a realidade apropriar-se do momento histórico de modo a pensar historicamente essa realidade e reagir a ela.

O aluno não tinha a oportunidade para refletir sobre o que aprendia. No que tange à avaliação, o aluno aprendia que havia apenas uma resposta correta para a pergunta feita e os resultados dos testes eram usados apenas como índice de aprendizado. Sobre isto, afirma Alves (2000, p. 29):

Claro que as respostas certas e erradas, o equívoco está em ensinar ao aluno que é disto que as ciências, o saber, a vida são feitas e com isto, ao aprender as respostas certas, os alunos desaprendem a arte de se aventurar e de errar, sem saber que, para uma resposta certa, milhares de tentativas erradas devem ser feitas. Espero que haja um dia em que os alunos serão avaliados também pela ousadia de seus vãos!... Pois, isto também é conhecimento.

No processo de ensino e aprendizagem, na relação educador e educando deve proporcionar o conhecimento e habilidade aprendidos e a produção de novos conhecimentos. Segundo Pimenta (2006, p. 72):

Trazendo essa vivência para hoje, percebo que a escola proporcionou-me um imenso prazer em frequentá-la, o que pouco se vê nos dias de hoje. Os alunos vêm para a escola, na maioria das vezes, desanimados e sem vontade de lá estarem.

Nesta época, não me lembro de nenhuma falta de respeito ao professor. Os alunos eram mais comportados. Hoje, fico muito triste em saber que a escola tem sido palco de violência entre professor e aluno diante dessa trajetória tão importante.

No terceiro ano, sonhava ingressar em uma faculdade. Mas a faculdade que eu sonhava era em tempo integral. Toda pessoa que terminava o Ensino Médio pensava em trabalhar. Eu não era diferente. A faculdade era para filhos de pais ricos. Alunos pobres não estudavam em faculdade. Na época, era muito difícil entrar em uma Universidade Federal, era necessário fazer um cursinho específico ou estudar muito. Então, desisti. Ingressei no mercado de trabalho para ajudar minha mãe antes mesmo de concluir o mencionado Segundo Grau. Faculdade era um sonho distante e pensei que jamais seria realizado.

### 3. CURSO DE PEDAGOGIA

Após vinte anos da conclusão do Ensino Médio, o sonho de ingressar uma faculdade foi realizado. Nunca pensei em fazer Pedagogia. Sempre trabalhei em setor administrativo. Minhas vivências estavam distantes da área da Educação, mas, como gosto de ler, decidi fazer a Pedagogia. Muitos questionaram o motivo pelo qual escolhi cursar esta área. Mas tenho um sonho a realizar. Quando fiquei grávida de minha segunda filha, tive a necessidade em deixá-la em creches que cobraram mensalidades muito caras. Precisava trabalhar e, muitas vezes, deixava-a com a minha irmã. Diante disso, pensava em abrir uma creche por ver as dificuldades de muitas pessoas que não possuíam recursos financeiros. Contudo, para o funcionamento de uma creche, o responsável precisa ter cursado Pedagogia. Isso me incentivou. É um sonho sendo realizado.

Ao compreender o processo educativo, percebi a importância da Educação como instrumento de mudança. Nessa perspectiva, o professor assume um papel fundamental nos processos de ensino e de aprendizagem. A Pedagogia nos habilita a atuar em séries iniciais. Temos que, antes de tudo, pensar na Educação voltada para este público, pois são as crianças que estão no processo de início formativo e precisam de educadores que realmente estejam comprometidos e gostem da profissão. Afirma Libâneo (2009, *apud* LUCAS, 2017, p. 58) que: “É certo que o professor deve ser um profissional competente e compromissado com o seu trabalho, com a visão de conjunto do processo de trabalho escolar”. Para ele, a presença do pedagogo na escola torna-se uma exigência no sistema de ensino. Por outro lado, o autor diz que se deve desmistificar a ideia de que o pedagogo é o profissional ideal para as séries iniciais.

A área de atuação do pedagogo é deveras ampla, não devendo ser apenas nas séries iniciais, que deve se preparar para atuar nas áreas afins da Educação. Tais áreas podem ser no trabalho de orientação educacional, coordenação pedagógica e atuando frente às formações de professores por estar preparado para mediar o ensino pedagógico. Até o momento, percebi que depois da pesquisa e leitura, poderia fazer a pós-graduação em várias formações no âmbito Educacional em que possa exercer sobre a qual falarei mais a diante.

Passar no vestibular da UNIR foi para mim uma vitória. Porém, a luta foi muito grande. Passamos por dois anos sem estudos devido a sérios problemas administrativos da Universidade e, com isso, muitos vieram a desistir do curso. Começamos com 50 universitários e, hoje, somos em aproximadamente 20. Houve momentos em que desanimei.

Mas a vontade de conseguir uma formação superior foi bem maior. Algumas disciplinas foram muito significativas e fizeram um diferencial, como a Educação Especial e Inclusiva, Psicopedagogia, Gestão Escolar, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a Recreação de Jogos. Escolheria a minha pós-graduação em Psicopedagogia e Gestão Escolar pelos motivos expostos a seguir.

A Educação Especial e Inclusiva tem sua história marcada pelo atendimento educacional às pessoas com deficiência pela via dos procedimentos didáticos especiais e, principalmente, pelo fato de que somente o saber pedagógico especializado seria capaz de viabilizar as respostas necessárias ao ensino e à aprendizagem desses sujeitos. No decorrer do estudo, aprendi que a Educação Inclusiva orienta que todos os alunos devem ter a possibilidade de integrar-se ao ensino regular, mesmo aqueles com deficiências sensoriais, mentais, cognitivas ou que apresentem transtornos severos de comportamento. Preferencialmente, sem defasagem de idade ou série, cabendo à escola adaptar-se para atender as necessidades deste aluno inserido em classes sociais.

Mencionei essa disciplina como um diferencial pelo fato de ter um sobrinho com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Quando a família recebeu o diagnóstico quando ele estava com apenas dois anos de idade, minha sobrinha, mãe da criança em questão, lutou muito para incluí-lo em um ensino educacional regular. A inclusão não foi nada fácil. Na época, não havia cuidadores nas escolas públicas municipais e estaduais em Ji-Paraná, como professores capacitados para atuarem com alunos autistas. As escolas particulares, alegando que não estavam preparados e capacitados para recebê-lo, recusaram matriculá-lo. A criança permanecia na escola sem cuidados e muito triste. Atualmente, cuidadores e professores estão recebendo formação adequada para atuarem didática e pedagogicamente. Outro fato vivenciado trata-se de uma colega de trabalho que seu filho possui TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) e estuda em uma escola particular onde professores e profissionais que ali atuam não estão treinados e capacitados para atendimento deste aluno que – deverá ser transferido a uma escola pública. Os professores e cuidadores necessitam mergulhar neste universo e acompanhar os alunos em todas as atividades da escola, zelando pela integridade física e emocional da criança.

Uma escola inclusiva desenvolve-se em torno da igualdade de oportunidades, em que todos os alunos, independentemente das suas diferenças, deverão ter acesso a uma educação com qualidade, capaz de responder a todas as suas necessidades. Sendo assim, toda a escola inclusiva deve se preparar para desenvolver de forma



especial, na tentativa de atender às diferenças individuais de cada criança. Sendo assim, ao realizar seu planejamento, o professor e os gestores da escola inclusiva devem considerar os seguintes aspectos: tempo e espaço, diversidade de materiais, organização do coletivo – situações de interação com outras crianças, estabelecendo rotinas, isso auxiliará bastante no trabalho com a diversidade e a inclusão escolar (SANTOS, 2011, p. 61).

Toda escola inclusiva deve se preparar para desenvolver de uma forma especial, na tentativa de atender a diversidade existente no contexto social.

Os estudos na disciplina de Psicopedagogia possibilitaram o conhecimento de sua atuação, a qual visa buscar o desenvolvimento de metodologia que atendesse aos alunos com dificuldades e transtornos que interferem no processo de ensino e aprendizagem possibilitando a inclusão.

O professor desta disciplina fez a indicação sobre um filme de ficção para assistirmos no intuito de reflexão e discussão: “Como estrelas na terra, toda criança é especial!”. Trata-se da história de um menino chamado Ishaam Awasthi, que possui dislexia e estuda em uma escola regular de ensino. Repetiu uma vez o terceiro ano e corre o risco de ser reprovado novamente. O menino, com apenas nove anos, não consegue acompanhar a turma. O pai não percebe que ele apresenta um distúrbio de aprendizagem. A criança sofre com o despreparo de professores e colegas e a agressividade de seu pai. Contudo, houve um professor que já trabalhava com crianças especiais e percebe que o menino tem dislexia.

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente assegura o direito de toda criança e adolescente à Educação: “A criança e o adolescente têm direito à Educação, virando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho” (ECA, 2002, p. 16), ou seja, em uma sociedade democrática, a escola e uma Educação de boa qualidade são para todos, tendo necessidades especiais ou não.

Essa situação só nos faz ter a certeza de que o professor deve investir em sua aprendizagem, tornando sua formação mais abrangente e possibilitando seu desenvolvimento como pessoa, profissional e cidadão. É essencial para a criança essa atenção vinda do educador, pois, assim, consegue sentir a vontade de aprender mais. Quanto aos pais, cabe contribuir e também participar da vida escolar de seu filho.

Atuava como professora da Escola Bíblica onde congrego. Na época, ensinava crianças de seis a oito anos de idade sobre a Bíblia e, após os estudos realizados por meio do filme supracitado, pude observar uma das alunas da Escola Bíblica e perceber, por meio de

sua escrita e desenhos, que possui dislexia. Foi neste momento que pude confirmar o desejo em cursar Psicopedagogia como pós-graduação.

Na Gestão do espaço escolar, ao decorrer de meus estudos e estágio, pude entender uma visão ampla da parte organizacional e a adquirir a compreensão da estrutura escolar. Durante o período da prática de estágio sobre Gestão em Espaço Escolar na Instituição Escolar selecionada, foi possível observar que a gestão democrática é desenvolvida através de diálogo com a comunidade, professores, funcionários, pais e alunos no intuito de criar um espaço e condições para discussão e troca de ideias. Segundo Veiga (1997, *apud FERREIRA*, 2008, p. 91):

A gestão democrática exige a compreensão em profundidade dos problemas postos pela prática pedagógica. Ela visa romper com a superação entre concepção e execução, entre o pensar e o fazer, entre teoria e prática. Buscar resgatar o controle do processo e do produto do trabalho pelos educadores.

A necessidade de um processo de liderança está presente em todos os segmentos da sociedade e tem uma série de características primordiais, tais como: visão de futuro, autocontrole, coragem e valores.

O mencionado estágio proporcionou-me uma nova experiência. Entendi que, com a direção, professores, alunos e pais de alunos as coisas vão além. Pois o sucesso de sua aprendizagem dependerá do grau de satisfação deste usuário com relação ao lugar que ele frequenta e nele passa o maior tempo. Sendo assim, sua estada precisa ser agradável.

Sobre isso, Ferreira (2008, p. 82) ressalta:

Administração escolar configura-se antes do mais, em ato político, na medida em que requer sempre uma tomada de posição. A ação educativa e, conseqüentemente, a política educacional em qualquer de suas feições não possui apenas uma dimensão política, mas é sempre política já que não há conhecimento, técnica e tecnologias neutras, pois todas são expressões de forma conscientes ou não de engajamento.

Dessa forma, por meio do projeto pedagógico em ação, formam-se as personalidades dos alunos e se fortalecem os membros da escola.

Quanto à EJA, no estágio, pude observar e conversar com alguns dos alunos e professora. Esta alegou que muitos jovens não terminam o ano letivo. São poucos os que permanecem. Ao questioná-los sobre os motivos mais comuns, disseram que muitos deixam

de estudar por causa de gravidez, separação do cônjuge e necessitavam cuidar dos filhos. A maioria expressa a vontade de cursar uma faculdade e muitos choram porque não conseguem ler e escrever até o momento. Foi válido ouvir a força de vontade de cada um destes estudantes. Senti vontade em ser professora do EJA.

O problema de aprendizagem que constitui um “SINTOMA” ou “INIBIÇÃO” torna a forma e o indivíduo, afetando a dinâmica de articulação entre os níveis de inteligência, desejo, organismo e corpo, redundando em um aprisionamento da inteligência da capacidade ou parte da estrutura simbólica inconsciente (FREIRE, 1992, p. 56).

Quanto à disciplina de Recreação de Jogos, o ser humano nasce e cresce com a necessidade de brincar, pois o brincar é uma das atividades mais importantes na vida do indivíduo. Por meio dessa ação, ele tanto desenvolve suas potencialidades, como, também, com suas limitações, com as habilidades sociais e físicas. Para Antunes (2004, *apud* SANTOS, 2011, p. 63):

As brincadeiras têm um papel fundamental na estruturação do psiquismo da criança, é no ato de brincar que a criança utiliza elementos da fantasia e a realidade e começa a distinguir o real do imaginário. É através da brincadeira que ela desenvolve não só a imaginação, mas também fundamenta afetos, elabora conflitos e ansiedade, explora habilidades e a medida que assume múltiplos papéis, fecunda competência cognitivas e interativas.

Realizamos um laboratório pedagógico e, assim, pude chegar a constatar que brincar ainda é para muitos uma maneira saudável de socialização. Em se tratando das maneiras de brincar, refiro-me ao brincar de maneira coletiva, onde experimentei mais uma vez a alegria de me sentir livre e jovem novamente. Tal experiência traz de volta muitas coisas deixadas apenas em uma vaga lembrança da infância. Ao olhar em volta e ver todos os participantes sorrindo da mesma maneira, com as mesmas brincadeiras e tentando cada um se adequar foi uma sensação indescritível. Tivemos a experiência de construir um brinquedo chamado “pé-de-lata”, feito com duas latas de leite e dois pedaços de corda. Pronto! Algo simples e já garantiria brincadeira e divertimento por um bom tempo. Produzimos vários outros brinquedos, além de desenvolver brincadeiras dentro de sala de aula. Assim, incentivamos os alunos a produzirem seus próprios brinquedos o que, do ponto de vista pedagógico, é muito importante para a formação do ser humano.

Durante os estudos sobre essa temática, foi desenvolvida uma atividade coletiva para pesquisa de campo. Escolhemos a recreação e jogos para pessoas com necessidades especiais. A pesquisa foi realizada no Centro Municipal de Autismo de Ji-Paraná por meio de entrevistas diagnósticas com um profissional da área e especializada em abordagem lúdica com crianças autistas e mãe de um aluno. Assim, pude compreender como é realizado o trabalho que se trata de um plano de ação por três meses dependendo do nível de desenvolvimento em que a criança se encontra. São trabalhadas atividades que ajudam no desenvolvimento das crianças onde cada um, dentro de sua realidade, fortalecendo, criando laços, levando-as além do que são acostumadas e habituadas. Através das atividades lúdicas, essas crianças são inseridas para o mundo de exercícios de forma divertida.

Brincar não é um ato ingênuo, indefinido, imprevisível, mas um ato histórico (tempo), cultural (valores), social (relações), psicológico (inteligente), afetivo e existencial (concreto) e acima de tudo político, pois, numa sociedade de classes, nenhuma ação é simplesmente sem consciência de seus propósitos (ALMEIDA, 1990, p. 79).

Ou seja, brincar não é apenas um momento de descontração, é o tempo de aprender brincando, de adquirir experiências com essas vivências de tempo, valores e relações. Ensinar uma criança portadora de necessidades especiais é uma experiência que conduz o professor a questionar suas ideias, seus princípios e sua competência profissional. Pude compreender as múltiplas conexões que permeiam o exercício da docência, além das óbvias relações pedagógicas cognitivas e comunicativas. Desta forma, obtive a oportunidade de reconhecer a importância do vínculo psicológico e afetivo que é necessário para um trabalho de sucesso.

Foi muito proveitosa e enriquecedora a oportunidade em observar de perto esse trabalho desenvolvido. Com certeza, trouxe uma grandiosa contribuição em minha vida profissional.

### 3.1 Estágio na Educação Infantil

O esperado estágio, a ansiedade. Como serei avaliada pelo professor? O medo de não ser bem avaliada. Por meio deste, percebi que os professores das escolas onde realizei o estágio pensaram que eu já era professora formada.

De quatro estágios desenvolvidos em sala de aula, em três me decepcionei com as atitudes e posturas dos professores. Apenas um destes ao qual percebi ter o mesmo pensamento que eu quanto às práticas pedagógicas, e este trabalhava em outra escola com alunos de faixa etárias diferentes. O carinho e o amor pela profissão e para com as crianças foram notórios.

A prática de estágio nos coloca frente a frente com a profissão a qual pretendemos exercer, como também nos dá a oportunidade de refletirmos e colocarmos em prática as teorias estudadas em nossa formação. É o momento de transformar os dilemas enfrentados em sala de aula em desafios para a profissão. Podendo, assim, construir um espaço de aprendizagem profissional e melhoria em salas de aula função do professor, conforme ressalta Alvares (2002, p. 18-19):

A responsabilidade do professor é garantir que aquilo que os alunos estudam, lêem, aprendem, vale a pena ser objeto de aprendizagem. As dos alunos consiste em conscientizar-se de que eles são os responsáveis máximos por sua própria aprendizagem, como exercício de vontade que é. As tendências atuais caracterizam-se pela avaliação educativa direcionada a compreensão e aprendizagem não ao exame.

A Educação com o desenvolvimento humano deve ser centrada na pessoa que está sendo educada (criança, adolescente, jovem ou adulto) e procurar criar condições para que ela possa tornar-se capaz de definir seus interesses e sonhos. Seus sonhos são, de outro lado, construir as competências e habilidades necessárias para promover esses interesses e transformá-los em realidade.

Muitos alunos não têm interesse de aprendizado e muitos não fazem as atividades. Os materiais deles não são muito organizados e possuem certa dificuldade de relacionamento uns com os outros.

Quando o aluno corresponde às expectativas do professor, este se diz merecedor de todo o mérito e quando o aluno não atinge o esperado pelo professor, ele é colocado a um

lugar à margem e visto como problemático. Por isso, que temos que confrontar as práticas e teorias.

A inserção do aluno na realidade que se pretende investigar, é na qual atuará como profissional, só é possível mediante a intencionalidade dos cursos formadores e do estagiário. A formação dos professores e sua prática não podem mais ser consideradas executoras de modelos, de decisões alheias, e sim capazes de analisar, decidir, confrontar práticas e teorias, e produzir novos conhecimentos referenciados ao contexto histórico escolar e educacional. Para tanto, requer-se que o professor consiga dimensionar o alcance de suas ações, da sua prática na sala de aula, a importância das práticas coletivas institucionais, ou seja, pressupõem que ele tenha a clareza para agir, a intenção de intervir e modificar (BARREIRO, 2006, p. 27).

No período de estágio, observei de que se trata de uma Educação tradicional em que o professor utiliza como instrumento metodológico indispensável o livro didático e, automaticamente, aciona uma metodologia que reprime e limita a fala do aluno e sua capacidade de interpretar. Isso reflete diretamente na aprendizagem dos alunos, pois se acostumam apenas a copiar dos livros e a receber conteúdos prontos e quando passam a ser instigados a escrever e a expressarem seus pensamentos e ideias sobre um determinado assunto, apresentam reais dificuldades. Sigamos a fala de Freire (2005, p. 28):

Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo, não teme o diálogo com ele de que resulta o crescente saber dos anos. Não sente o dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar.

Sendo assim, o professor deve ter a consciência de que seu papel é de mediador da aprendizagem e não mero transmissor de informações para que o aluno adquira conhecimentos significativos para sua formação educacional e cidadã.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tenho plena convicção que esta prática que obtive durante toda a trajetória educacional e formação acadêmica está centrada em fazer vigorar a construção do saber, levando em consideração alguns aspectos como o conhecimento prévio, tendo informações e opiniões e ajudar aliviando as angústias dos alunos, buscando juntos a solução para as dificuldades encontradas no decorrer de todo o seu processo educativo.

É certo de que as lutas, o cansaço e o desânimo nessa trajetória não foram em vão. Contudo, é importante ter a consciência de que, embora ter obtido tal conquista se faz necessário prosseguir a busca por novos conhecimentos, a fim do aprimoramento de minha futura atuação na docência pedagógica. Tornando-se, assim, uma fonte inesgotável chamada conhecimento.

Este curso proporcionou intensas informações que contribuíram na construção do conhecimento sobre a Pedagogia e uma vasta rede de relacionamentos com pessoas que me fazem refletir e repensar o meu jeito de ver a vida e a busca de um novo olhar. As habilidades vão se aprimorando, os conhecimentos e as competências vão aumentando, as aptidões e atitudes vão se diversificando e em cada fato acontecido um renovo e um recomeço.

Com a formação acadêmica adquirida nesse curso de Pedagogia me sinto habilitada como educadora. A partir de agora, tudo se tornou diferente do que era o início desta jornada.

Adquiri muitas experiências. Vivenciei muitos ensinamentos e aprendi um novo fazer Pedagógico do que aquele que havia sido registrado em minha vida escolar enquanto estudante do Ensino Básico, o qual pretendo desenvolver ao longo de minha vida.

Ao concluir o curso de Pedagogia, posso afirmar que o educador deve ser constantemente um pesquisador sempre em busca de soluções. Faz-se necessário, para isso, constante avaliação e reconstrução de sua prática Pedagógica.

Ser uma professora pesquisadora significa proporcionar a construção de uma forma de pensar curiosa, sendo observadora, reflexiva e analítica, ou seja, conhecer a realidade para que possa agir de forma consciente e crítica para favorecer a transformação do educando. Pretendo ser uma professora investigativa, uma grande conhecedora de estratégias, ter poder de reflexão e questionamento e ser capaz de resolver problemas para que assim, favoreça a aprendizagem significativa e a formação de cada estudante,

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C.S. **Análise dos motivos de encaminhamento de alunos de classes comuns à classes especiais de escolas públicas de primeiro grau.** 161f. São Carlos, Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 1994.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar.** Campinas: Papirus, 2000.

BARREIRO, Iraide M. F. GEBRAM, Raimundo. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores.** São Paulo: Avercamp, 2006.

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Brasil, 1990.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto (org.). **Gestão democrática da educação; atuais tendências, novos desafios.** 6.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Madalena. **Paixão de aprender.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 43 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

J.M., Alvarez Mendez. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir.** Tradução Magda Swartzhanpt. Chaves-Porto: Artmed, 2002.

KHAN, Aamir, 2007. Como estrelas na Terra – Toda criança é especial. Índia: Estúdio/Distribuição: Aamir Khan Productions.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos para quê?** São Paulo: Cortez, 2009.

LUCAS, Rosana Erenice Xavier da Silva. **A importância da Formação Pedagógica e a Construção de um novo perfil para Docentes nas Séries iniciais do Ensino Fundamental.** São Paulo: Delicatta, 2017.

MARTINS, Pure Lúcia Oliver. **Didática teórica, didática prática – para além do confronto.** 7 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MOSCOSO, Edna Raimunda Santos. Entrevista concedida à Marcia do Socorro Silva Santos. Ji-Paraná, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Professores reflexíveis no Brasil: gênese e crítica de um conceito.** São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, José Ivanildo Ferreira dos. **Educação especial: Inclusão escolar de criança autista.** São Paulo: All Print, 2011.

VASCONCELOS, Gedneide Araújo de. SANTOS, Maria do Carmo dos. **Introdução a Psicopedagogia.** Porto Velho. Apostila do curso de pedagogia UAB/UNIR. s.d.